

O QUE É A SAÚDE. SIGNIFICAÇÕES PESSOAIS, MODELOS CIENTÍFICOS E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE (2005) – Joaquim da Cruz Reis. Lisboa: Vega, 102 pp.

Trata-se de uma obra indispensável e com grande utilidade para todos os que se dedicam à educação para a saúde na comunidade, nas escolas, nos locais de trabalho e nos serviços de saúde. Vários são os profissionais, entre técnicos de saúde, professores e educadores, que têm a aprender com as contribuições específicas da psicologia da saúde para a educação para a saúde.

Este livro é uma contribuição importante para a compreensão dos processos psicológicos que podem tornar as ações de educação para a saúde realmente eficazes, em particular quando uma proporção significativa das ações de educação para a saúde em Portugal se baseiam num modelo inoperante de transmissão e processamento de informação. Por outro lado, é um livro que, entre nós, vem preencher um espaço de interesse da psicologia da saúde pelos processos mais ligados à saúde do que à doença. Nele é proposto um modelo de educação para a saúde que considera os destinatários das ações como intervenientes activos nos processos de aprendizagem e de mudança de comportamentos, nomeadamente através das significações pessoais.

Joaquim da Cruz Reis (Director da Licenciatura em Psicologia da Universidade Independente), autor do livro “O Sorriso de Hipócrates. A integração biopsicossocial dos processos de saúde e doença” (Vega, 1998), já tinha publicado anteriormente resultados da investigação que conduziu sobre a importância das significações em educação para a saúde e prevenção mas apresenta agora um trabalho sistemático sobre significações pessoais, modelos científicos e educação para a saúde.

O livro está dividido em 4 capítulos, que correspondem, no essencial, aos quatro grandes temas que são anunciados no título da obra:

- Significações pessoais e processos de saúde e doença
- Modelos científicos de saúde e doença
- O que as pessoas pensam e como pensam sobre a saúde e a doença
- Construção activa e reflexiva de estilos de vida.

No *primeiro capítulo*, sobre a importância das significações pessoais nos processos de saúde e de doença, o leitor é introduzido ao conceito fundamental de significações pessoais e da sua aplicação aos processos de saúde e doença, o que é feito pelo autor de forma muito clara e centrada nos seus aspectos principais e introduzindo a noção de “autonomia conceitual-afectiva”, como capacidade pessoal de construção autónoma de significações, nomeadamente sobre as causas das doenças, os seus sintomas, a sua evolução, as mudanças de comportamentos e as decisões de adesão às recomendações dos técnicos de saúde. Abrindo compreensivelmente com o exemplo de um caso de uma mulher com cancro da mama, este capítulo é desde logo essencial para o leitor se situar em termos de modelo das significações (leigas) de doença e questionar-se sobre a sua influência nos modelos científicos.

No *segundo capítulo*, que aborda os modelos científicos da saúde e da doença, são sucessiva e esquematicamente apresentados – nas suas asserções fundamentais, definições de saúde e de doença, autonomia conceitual-afectiva e relação entre o profissional de saúde e o paciente – o modelo biomédico, o modelo biopsicossocial (interaccionista) e o modelo holístico (integrador), mais uma vez de uma forma muito clara e desen-

volvendo a comparação entre as metateorias interacionista e integradora enquanto diferentes concepções e métodos de pesquisa, particularmente no que se refere à relação entre os técnicos de saúde e os pacientes uma vez que essa é a dimensão claramente relevante em educação para a saúde. Neste particular, o autor destaca a importância do conceito de “parceria epistemológica” que releva da metateoria integradora, na qual o técnico de saúde tem conhecimento especializado no domínio da saúde em causa e o paciente é o especialista na sua vida e no seu corpo. Este conceito de parceria permite introduzir com vantagem as significações pessoais no modelo de relação entre os técnicos de saúde e os pacientes, favorece a autonomia conceitual-afectiva destes últimos e cria condições para uma maior humanização dos cuidados e serviços de saúde. Por último, refere as implicações destes conceitos para a formatação das intervenções didáticas que são realizadas em educação para a saúde, salientando desde logo a importância das didáticas construídas a partir da metateoria integradora.

No *terceiro capítulo*, dedicado à importância das significações causais das doenças e de prevenção ao longo do ciclo de vida é apresentado *o que* as pessoas pensam e *como* pensam (modelos implícitos) sobre a saúde e a doença a partir dos resultados obtidos em trabalhos de investigação do autor, nomeadamente sobre significações causais das doenças e de prevenção. São apresentados com maior desenvolvimento os aspectos relacionados com os adultos e os idosos, embora haja referência também aos aspectos relacionados com as crianças e adolescentes. Tratando-se de um capítulo suportado por investigação com amostras portuguesas (Joyce-Moniz & Reis, 1991; Reis, 1994; Reis & Fradique, 2001) é pena que o autor não o tenha organizado de forma sequencial em termos do desenvolvimento, começando com as crianças e os adolescentes e só depois abordando as significações dos adultos e dos idosos. Resultaria mais compreensível e chamaria mais facilmente a atenção do leitor, uma vez que as acções de educação para a saúde,

de, embora devam envolver pessoas em todas as fases do ciclo de vida, estão geralmente mais centradas nas crianças e nos adolescentes, até porque a compreensão das sequências desenvolvimentistas exige mais do que a leitura dos quadros apresentados. Mais a mais este capítulo é o cerne do trabalho apresentado e determina as características da proposta de intervenção apresentadas no capítulo seguinte.

Finalmente, o *quarto capítulo* diz respeito às didáticas que podem ser utilizadas em educação para a saúde. Depois de apresentar as bases teóricas e metodológicas do modelo comportamental e do modelo de processamento de informação em educação para a saúde, o autor desenvolve o modelo construtivista, no qual o processo reflexivo de construção de novas significações de acordo com as competências sociocognitivas da pessoa, imerso numa dialéctica que se estabelece entre diferentes sistemas de significações (leigas e científicas) propostos pelos diferentes intervenientes (destinatários das acções e técnicos de saúde). O destinatário é um participante activo no processo e a mudança de atitudes e comportamentos faz parte dum processo de autonomia e compreensão pessoal. Supõe-se que as significações pessoais vão evoluindo ao longo do desenvolvimento, o que terá que ser necessariamente tido em conta nas acções de educação para a saúde dirigidas a crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Falta agora demonstrar a eficácia deste modelo de educação para a saúde entre nós, em especial através de metodologias de avaliação de resultados de programas e acções concretas.

Para além de interessar a todos os que se dedicam à psicologia da saúde, este livro interessa certamente a todos os que se dedicam à educação para a saúde, em especial à conceptualização e desenvolvimento de acções e de programas que são implementados nas escolas e na comunidade.

*José A. Carvalho Teixeira*